

**GAROTAS DO ALCEU:
uma representação feminina na revista *O Cruzeiro* (1950-1964)**

Daniela Queiroz Campos¹

Resumo: O presente artigo pretende tecer considerações sobre a coluna *Garotas do Alceu* da revista *O Cruzeiro* no período compreendido entre 1950 e 1964. Pretende, em especial, tecer suas tramas narrativas sobre a questão da representação da imagem feminina na coluna estudada. Assinada pelo ilustrador e figurinista mineiro Alceu de Paula Penna, a coluna circulou em uma das revistas brasileiras mais emblemáticas de meados do século XX. Foram duas páginas que ocuparam a revista semanal de Assis Chateaubriand por ininterruptos 28 anos, de 1938 a 1964. O presente estudo se propõe analisar como, através da coluna, viabiliza-se a circulação de normas e preceitos de civilidade para jovens mulheres consideradas urbanas, modernas e ousadas no Brasil das décadas de 1950 e 1960.

Palavras-chave: Revista, mulher, representação

**GAROTAS OF THE ALCEU:
Female representation in *O Cruzeiro* magazine (1950-1964)**

Abstract: This present thesis aims to present some considerations about the column *Garotas* in the magazine *O Cruzeiro*, from 1950 to 1964. It focuses, specially, on developing its narrative threads about some key questions, such as civility and image, contained in the studied column. This column, signed by Alceu de Paula Pena, costume designer and illustrator from Minas Gerais (Brazil), circulated in one of the most emblematic Brazilian magazines of the 20th century. These 2 pages were printed on the weekly magazine of Assis Chateaubriand for uninterrupted 28 years, from 1938 to 1964. This study proposes to analyze how through the graphic art of the column *Garotas* was made possible the circulation of norms and models of civility and manner to young ladies considered urban, modern and bold during the decades of 1950 e 1960 in Brazil.

Key-words: woman, magazine, representation

De las dos almas en el mundo que
habia unido Diós, dos almas que se
amaban, esto éramos um de nós e
una Garota do Alceu.

Nós éramos os namorados das Garotas do Alceu.
Nós as tínhamos under our skins.

Nós amávamos as Garotas do Alceu.

¹ Doutoranda em História do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista Capes. E.mail: camposdanielaqueiroz@gmail.com.

Durante anos, todas as moças bonitas deste País – dos fins de tarde nas calçadas da Praia de Icarai, em Niterói, e das filas do Cine Metro, no Rio, aos footings das pracinhas do interior – se penteavam, se sentavam, gesticulavam, sorriam e se vestiam como as Garotas do Alceu.

E nos encantavam e nos faziam sonhar. Tanto que, muitos de nós – quase todos os que se casaram naquela época – nos tornamos, um pouco, genros do Alceu.

Nós conversávamos nos bancos das praças, passeávamos pelas calçadas, beijávamos no cinema e dançávamos nas nossas festinhas, ao som da nossa canção. E depois, ganhávamos de presente um caderno com todas as letras das músicas de sucesso, com a nossa canção abrindo a coleção, fosse ela um bolero de Gregório Barrios ou um fox de Nat King Cole.

Fazer o que a televisão faz hoje, em escala cósmica, era um trabalho quase impossível para um desenhista só, mesmo numa revista que, à época, significava para o Brasil o que a TV Globo, por exemplo, significa nos tempos de agora. Mesmo porque, a mensagem impressa não tem nem a velocidade nem o impacto da mensagem eletrônica. O que aumenta os méritos da obra de Alceu Penna como ilustrador e figurinista.

Suas meninas de olhos expressivos, de gestos delicados e cheios de graça, de cinturas finas, de longos cabelos e de saias rodadas, cujo tecido era informado com duas ou três pinceladas – a gente sabia se era seda ou algodão – eram tão fortes que, me parece, os leitores conviviam com elas como se convive com um ser vivo: ninguém fica perguntando quem é o pai da criança.

Elas tinham vida própria, e tanta que Alceu desaparecia por trás delas. De resto, Alceu Penna era um homem calmo e retraído, doce e sereno, doméstico, não gostava de aparecer. E, muito cedo, tão logo o sucesso da revista *O Cruzeiro* começou a se esvanecer, ele foi sendo esquecido.²

As *Garotas* do Alceu estamparam as páginas em formato tabloide de *O Cruzeiro* de 1938 a 1964 e foram editadas semanalmente por 28 anos no mesmo periódico. De acordo com a passagem citada, no texto escrito por Ziraldo, consistia em uma coluna ilustrada de mocinhas, sobre suas vidas cotidianas, naquele Rio de Janeiro dos meados do século XX. Os textos eram vinculados aos desenhos de Alceu Penna, e estes foram assinados por cinco diferentes escritores ao longo dos 28 anos de edição da coluna. No entanto, a titularidade da coluna sempre foi de Alceu Penna. Assim transformaram-se em *As Garotas do Alceu*, mas também o eram *As Garotas de O Cruzeiro*. Sem a revista não existiria a coluna. Por tal motivo, dedicarei algumas linhas sobre aquela que foi a grande revista brasileira de meados do século XX.

² ZIRALDO. Texto de apresentação do catálogo da exposição “*As garotas do Alceu*”. Belo Horizonte: Palácio das Artes, julho de 1983. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/modabrasil/biblioteca/grandesnomes/alceu/garotas.htm>

As Garotas de O Cruzeiro

Escrever sobre a coluna *Garotas* sem antes escrever sobre a revista da qual ela era parte integrante seria tarefa difícil. Não só pelo fato de a coluna ter feito parte do projeto editorial e gráfico da revista, mas também por *O Cruzeiro* ter sido o suporte impresso no qual ela circulou. Os leitores das *Garotas* eram também os leitores de *O Cruzeiro*. De certa maneira, como também o fui. Durante o período de pesquisa das fontes, deparei com a revista antes mesmo de chegar às colunas. A leitura das páginas assinadas por Alceu Penna foi por mim acompanhada pela leitura da revista com seus demais artigos, reportagens, novelas, colunas e anúncios. Muitos dos elementos utilizados nesta análise não estão necessariamente na coluna estudada, mas no conjunto de seu suporte, lugar onde era dado ler o objeto.

Segundo Roger Chartier, a leitura em diferentes tipos de suporte resignifica a própria leitura. Diferentes suportes constroem diferentes experiências, diferentes sentidos ao que é lido:

Ler um artigo em um banco de dados eletrônico, sem saber nada da revista na qual foi publicado, nem dos artigos que o acompanharam, e ler o “mesmo” artigo no número da revista na qual apareceu não é a mesma experiência. O sentido que o leitor constrói, no segundo caso, depende de elementos que não estão presentes no próprio artigo, mas que dependem do conjunto dos textos reunidos em um mesmo número e do projeto intelectual e editorial da revista ou do jornal. Às vezes, a proliferação do universo textual acabou por levar ao gesto da destruição, quando devia ser considerada a exigência da conservação.³

Justamente por este motivo acredito ser imprescindível dissertar sobre aquela que acompanhou minha leitura e pesquisa.

A primeira edição da revista *Cruzeiro*⁴ data de 10 de novembro de 1928. A revista fazia parte do “império de papel” criado por Assis Chateaubriand, naquele momento ainda não intitulado de *Diários Associados*. Chateaubriand soube, por meio de amigos, acerca do projeto do jornalista português Carlos Malheiros Dias de lançar uma revista de circulação nacional, *Cruzeiro*. Por falta de dinheiro, o português abandonou o

³ CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp, 1999. p.128.

⁴ Inicialmente a revista chamava-se *Cruzeiro*, sem o artigo “O”, que só é anexado ao título no número 31. Ver mais em: ABULQUERQUE, Juliana e OUROFINO, Carolina. *O Cruzeiro – o primeiro ano de um projeto moderno – 1928-1929*. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, RJ, 05-09 de setembro, 2005.

projeto, que foi retomado por Chatô após a indenização de Dias. Segundo Fernando Moraes, no livro *Chatô: O rei do Brasil*,⁵ a *Empresa Gráfica Cruzeiro S.A.* tornou-se propriedade do jornalista paraibano, empresa esta que não tinha sequer um linotipo. Durante os primeiros anos de circulação, o periódico era impresso em Buenos Aires pelo sistema de rotogravura, já que o parque gráfico brasileiro na época era bastante limitado e de baixa qualidade técnica.

A primeira edição, que chegou às bancas em 10 de dezembro, esgotou seus 50 mil exemplares no primeiro dia. A revista foi vendida nas principais cidades brasileiras, de norte a sul do país, graças a caminhões, barcos, trens e até um bimotor. *Cruzeiro* foi pensado para ser uma revista grandiosa, no formato tabloide (26 x 33 cm), impressa em quatro cores em papel de alta qualidade. No final da década de 1920, ela era um verdadeiro sucesso editorial. Eram anos prósperos para *O Cruzeiro*, considerada a “melhor e mais moderna” revista de então. E seu sucesso não estava localizado na sua cidade sede, o Rio de Janeiro; chegava de fato a todos os estados, onde obtinha níveis de vendas bastante satisfatórios.

Todavia, no início de 1930, a tiragem da revista caiu assustadoramente, chegando a menos de 20 mil exemplares por edição. Com a queda das vendas ocorreu a queda dos anúncios publicitários. A revista, então, começa a passar por gradativas transformações, ao explorar atualidades políticas, sociais e artísticas, reportagens elaboradas com as “sobras” fotográficas e com matérias dos jornais dos *Diários Associados*. A revista foi tornando-se aos poucos mais atraente ao público feminino. *O Cruzeiro* passou a explorar a figura feminina em diversas situações, como em desfiles de moda, em festas da alta sociedade, no banho de sol e mar nas praias cariocas. Além do mais, fotos de famosas atrizes norte-americanas eram fornecidas gratuitamente pela agência de publicidade de Hollywood. A essas fotos eram anexadas crônicas, traduzidas ou mesmo escritas pelos redatores. O Carnaval passou a ser um tema bastante presente no impresso. *O Cruzeiro* tornava-se extremamente atraente para o público feminino, que aprovava encantado. É sempre bom pontuar que tanto as mulheres que estampavam as páginas da revista semanal quanto suas leitoras pertenciam às classes média e alta, alfabetizadas e urbanas, da sociedade brasileira das décadas centrais do século XX. As mudanças para revigorar a revista logo surtiram efeitos, logo os anúncios publicitários voltaram a engordar *O Cruzeiro*.

⁵ MORAIS, Fernando. *Chatô: O rei do Brasil*, vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Segundo Leoni Serpa, aproximadamente 30% das páginas são referentes ao imaginário feminino, que não compunha apenas um perfil feminino, mas vários.

A revista foi uma das primeiras a se preocupar em mostrar o universo feminino de uma forma glamourosa e em dar à mulher espaços antes pouco vistos na imprensa brasileira. Esses espaços eram ocupados com belas faces, com moda e novas ideias, além da publicidade de diversos produtos domésticos e de beleza que reforçavam a ideia da modernização feminina. Foi uma revista que também se preocupou em implementar seções para as mulheres, semelhantes às que circulam hoje encartadas em todos os grandes jornais e revistas do país, nos cadernos especializados.⁶

Essas imagens femininas eram uma das marcas de *O Cruzeiro*. Ao longo dos 47 anos em que circulou em território nacional e no exterior, constava em seu sumário um sem-número de colunas voltadas para a mulher, a exemplo da coluna *Da mulher para a mulher*, da *Elegância e Beleza* e das exclusivamente de moda, entre outras. As capas da revista também sempre foram marcadas por rostos femininos, sendo raras as capas de *O Cruzeiro* que não ostentavam uma mulher. Nas páginas da revista não estava estabelecido apenas um padrão de mulher, e sim vários. A revista de variedades abrangia diversos públicos femininos: donas de casa, moças casadoiras, jovens modernas.

As transformações editoriais e gráficas ocorridas na revista de fato surtiram efeitos na tiragem, nas vendas e também nos anúncios. Suas seções de humor, fotorreportagens, contos ilustrados e páginas dedicadas à mulher transformaram *O Cruzeiro* na grande revista nacional de meados do século XX. O periódico tornou-se “...ao longo da década de 40 a maior revista de toda a América Latina, até viver seu apogeu absoluto no início dos anos 50”.⁷ Na década de 1950, o impresso destacava-se como um dos meios de comunicação mais importantes no âmbito nacional. Considerada uma revista de variedade de grande circulação nacional, fazia-se presente em inúmeros lares da classe média urbana e era direcionada à leitura de toda a família, apesar de continuar trazendo, a cada edição, várias páginas dedicadas às mulheres.

⁶ SERPA, Leoni. *A máscara da modernidade: A mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)*. Passo Fundo: Editora UPF, 2003. p.26.

⁷ NETO, Alcioly. *O Império de Papel – Os bastidores de O Cruzeiro*. Porto Alegre: Editora Sulina, 1998. p.91.

Dentre as mais de 100 páginas da revista *O Cruzeiro*, duas eram sempre ocupadas pelas *Garotas* do Alceu. Elas não foram necessariamente lidas em todos os exemplares da tiragem semanal do impresso. Entretanto, pode-se considerar que tinham bastante aceitação. Tanto que circularam durante ininterruptos 28 anos naquela que era considerada a maior revista de variedades do Brasil de então.

As Garotas do Alceu

Ele não foi o mentor da criatura, mas foi seu “pai”. Alceu Penna⁸ era considerado o pai das *Garotas* e foi ele que deu forma e vida à ideia de Alccioly Neto.

Em razão das dificuldades financeiras encontradas por sua família, Alceu passou a procurar trabalho no Rio de Janeiro. Visitou muitos jornais e revistas e conseguiu publicar seu trabalho no suplemento infantil de *O Jornal*, de Assis Chateaubriand, em 1932. Na redação de *O Jornal*, parte do grupo *Diários Associados*, Alceu conheceu Antônio Alccioly Neto, então secretário de redação de *O Cruzeiro*, ele que se tornaria amigo pessoal e padrinho de Alceu na redação da revista. Alceu mostrou seu trabalho para Alccioly e começou a ilustrar para a revista semanal no ano de 1933, quando esta passava por uma fase de reestruturação.

A colaboração iniciada naquele ano por Alceu no periódico de Assis Chateaubriand duraria décadas. Alceu desenhava para a revista, fazendo algumas capas e também matérias. Naquele momento, o desenhista começou a frequentar regularmente a Cinelândia e também a trabalhar nos Cassinos da Urca, onde fazia ilustrações no menu, em cartazes e cenários. Após algum tempo, ele já começava a fazer fantasias e figurinos. No ano de 1935, uma fantasia criada por ele venceu o concurso de Carnaval realizado pelo Departamento de Turismo da cidade do Rio de Janeiro, o que o fez

⁸ O desenhista nasceu em 1º de janeiro de 1915, na pequena cidade mineira de Curvelo. Aos 11 anos, foi estudar no Colégio Interno Santo Antônio, em São João Del Rei. Segundo Gonçalo Junior em seu livro *Alceu Penna e as garotas do Brasil: moda e imprensa – 1933/1980*, desde pequeno Alceu apresentava o gosto pelo desenho. Com seus vizinhos em Curvelo, o dentista Amedet Peret e sua esposa, o menino aprendeu os primeiros rudimentos do manuseio de pincéis e de como combinar tintas para fazer aquarelas. São esses mesmos vizinhos que descobrem o daltonismo de Alceu. Aos 16 anos, Alceu perdeu o pai, e sua família começou a passar por uma crise financeira. Um ano após a morte do pai, ele chegou ao Rio de Janeiro, onde passou a morar com seu primo Alexandre e Maria Isabel, sua esposa. Alceu viveu por bastante tempo na casa de seus parentes, no início localizada na rua Voluntários da Pátria e, depois, na rua Visconde de Ouro Preto, ambas no bairro de Botafogo. Na cidade, iniciou o curso superior de Arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes, que abandonaria no ano de 1937. A escolha do curso foi um meio-termo encontrado por Alceu entre a vontade de seu pai e a sua. Durante cinco anos ele cursou Arquitetura, mas sempre frequentando como ouvinte o curso de Artes Plásticas.

reconhecido também como estilista. Na década de 1930, ele começou a desenhar muitas publicações de histórias em quadrinhos, principalmente no jornal *O Globo*. “Entre 1937 e 1938 ilustrou para *O Globo Juvenil*, propriedade de Roberto Marinho, adaptações de obras como *O Fantasma de Canterville*, de Oscar Wilde, juntamente com Nelson Rodrigues, além de *Rei Arthur*, *Alice no País das Maravilhas*, entre outros.”⁹

No ano de 1938, Alccioly Neto encomendou a Alceu a criação de figuras femininas semelhantes às do *The Saturday Evening Post*, as *Gibson Grils*. Assim, Alceu Penna deu forma e vida à ideia de uma coluna *Pin-ups*¹⁰ de Alccioly.

Estávamos ainda no início dos anos 30 e eu, encantado com as figuras femininas de *The Saturday Evening Post*, chamadas Gibson Girls, fui certo dia procurá-lo em seu modesto apartamento da Rua das Marrecas na Lapa. Sugeri que ele fizesse alguma coisa semelhante e duas semanas depois ele me procurou, mostrando-me um desenho muito original. Eram vários grupos de lindas mocinhas, vestidas na última moda, conversando. O texto na forma de diálogo e destinado ao público juvenil deveria ser escrito por um humorista malicioso. Fiquei encantado com o projeto.¹¹

As *Pin-ups* têm origem nos ousados cartões-postais franceses e alemães da segunda década do século XIX. Essas características começam a aparecer nos desenhos de Raphael Kirchner, na francesa *La vie parisienne*, e aos poucos começam a ilustrar calendários. Os cartazes de Toulouse Lautrec são um dos primeiros exemplos de *pin-ups*. Naqueles pôsteres impressos em litografia no século XIX já existe a imagem de uma mulher em pose sensual. Ainda no final do século XIX, elas chegam aos Estados Unidos da América e, nas primeiras décadas do século XX, começam a brilhar nas páginas de revistas americanas, transformando-se em um ícone do desenvolvimentismo americano. Tornaram-se muito populares principalmente após a Segunda Guerra Mundial, sendo consideradas um marco na imprensa do século XX. São muitos os ilustradores americanos que se consagraram com suas *pin-ups*, como Charles Dana Gibson e Gil Elvgren.

A pin-up é um pôster de mulher. Este tipo particular de ilustração pertence ao já volumoso grupo das artes-gráficas ainda não

⁹ PENNA, Gabriela Ordones. *Vamos Garotas!* Alceu Penna: moda, corpo e emancipação feminina (1938-1957). Dissertação de Mestrado em Moda, Senac, São Paulo, 2007.

¹⁰ “Pin-ups” quer dizer literalmente “garota colada na parede”.

¹¹ NETO, Alccioly. Op. cit. p.125.

reconhecidas pela crítica oficial e por isso carente de definições objetivas e corretas.

Neste caso, veículo e imagens ainda são confundidos. O termo pin-up tanto serve para designar o cartaz propriamente dito, como para especificar o tipo de gravura por ele veiculado: a figura feminina. Não qualquer uma, mas, sim, uma garota com apreciáveis dotes físicos, apresentados com maior ou menor explicitação, numa pose intencional que visa incitar e excitar o espectador masculino.¹²

Rudolf Piper faz um estudo acerca das *pin-ups* brasileiras, que segundo o autor é uma “arte” importada e tardia no Brasil. Porém, segundo o estudioso, já a primeira capa da revista *O Cruzeiro* caracteriza-se por esse tipo de ilustração. Em seus estudos, as ilustrações de Alceu Penna não foram contempladas, mas constam na tabela elaborada por ele ao final de seu livro. A princípio as ditas *pin-ups* estavam mais presas ao seu suporte material preferencial, os cartazes. Ao longo de décadas começam a ganhar espaço em telas e em revistas. A revista *Life* foi a pioneira em presentear seus leitores com pôsteres desenhados pelo famoso Gibson. Já a revista *O Cruzeiro*, desde 1928, trouxe *pin-ups* em suas capas, as quais, a partir de 1933, já eram desenhadas por Alceu Penna. Mas apenas em 1938 tornaram-se personagens de uma coluna da revista semanal. No Brasil, a coluna *Garotas* pode ser considerada a primeira ilustrada exclusivamente com *pin-ups*.

Assim como o lançamento da revista *O Cruzeiro*, a primeira edição da coluna *Garotas* foi planejada e bastante divulgada na rede de comunicação de propriedade de Assis Chateaubriand. No dia 5 de abril de 1938, *As Garotas* saíram anunciadas nos jornais cariocas e paulistas da rede dos *Diários Associados*. Os anúncios diziam que a nova seção era a expressão da vida moderna no país.

As garotas são a expressão da vida moderna. As garotas endiabradas e irrequietas serão apresentadas todas as semanas em *O Cruzeiro*, desenhadas por Alceu Penna, o mais malicioso e jovem de nossos artistas. As garotas em duas páginas em cores constituem um dos *hits* de *O Cruzeiro*, a revista que acompanha o ritmo da vida moderna.¹³

Uma coluna, muitas personagens, algumas representações

¹² PIPER, Rudolf. *Garotas de papel: História da pin-up brasileira em 170 ilustrações*. São Paulo: Global editora, 1976. p. 9.

¹³ NETO. Alccioly. Op. cit. p.152.

A coluna *Garotas* circulou durante quase 30 anos nas páginas de *O Cruzeiro* e era considerada a “expressão da vida moderna no Brasil”,¹⁴ apresentava semanalmente grupos de belas mocinhas, vestidas segundo as últimas tendências da moda, conversando sobre os mais diversos assuntos. Desenhada por Alceu Penna e com textos de diversos autores, a coluna ditou modas e costumes, criou um imaginário acerca do feminino que acabou por influenciar o comportamento de gerações de homens e mulheres. *As Garotas* “endiabradas e inquietas” foram ao Jockey Club, tomaram banho de mar, foram ao cinema, namoraram, leram. Eram Denises, Teresas, Carmens e Marias, muitas foram as personagens criadas pelo desenhista.

A coluna inaugura a disseminação de novos hábitos de pensamento e vida na educação de mulheres – agora modernas e urbanas. Apesar de a coluna estar inserida em uma revista de variedade voltada para toda a família, um tanto conservadora, podemos perceber uma grande diferença entre as normas difundidas e aceitas pelas *Garotas* e pelas demais colunas voltadas para a mulher de *O Cruzeiro* e os preceitos de outras revistas femininas da época. A construção do discurso tanto textual quanto iconográfico na coluna é no mínimo muito mais permissível. O conjunto de normas contido naquele impresso muitas vezes estava à frente não só de outras colunas e revistas, mas também das atitudes mostradas no cinema e pela moda da época. Pode-se considerá-la, por isso, um tanto ousada, tendo em vista os valores católicos no Brasil da década de 1950, que privilegiavam uma mulher recatada, submissa e pura.

As Garotas, sem sombra de dúvida, eram bastante ousadas e, apesar de não se enquadrarem exatamente nos padrões propostos pelas demais colunas da revista, segundo os ideais de “boa moça”, eram consideradas “moças de família”. Assim, cabe investigar quais normas de civilidade eram aquelas que permitiam a uma mulher, de certa maneira, ousar e, mesmo assim, permanecer dentro do padrão imposto por aquela sociedade.

Desenhadas com graça e elegância com legendas muito bem-humoradas, as mocinhas falavam dos temas mais variados, desde assuntos mundanos até científicos, políticos ou filosóficos... Em pouco tempo, “As garotas” se transformaram em verdadeira coqueluche, ditando modas e costumes para milhares e milhares de leitoras em todo o Brasil... O sucesso foi tamanho que “As garotas”

¹⁴ As garotas são definidas como a expressão da vida moderna no Brasil por Alccioly Neto, ex-diretor da revista *O Cruzeiro* e mentor da coluna. Ver: Ibid.

acabaram permanecendo nas páginas de *O Cruzeiro* durante nada menos que 28 anos.¹⁵

A partir do trecho retirado do livro *O Império de Papel*, de Alccioly Neto, podemos perceber o sucesso das *Garotas* do Alceu. A coluna destaca-se entre as demais da revista *O Cruzeiro*. O ideal de mulher moderna se faz presente nela como nas demais colunas, entretanto as *Garotas* são meninas/mulheres muito mais ousadas.

Lesley Bombonato e Carla Bassanezi, no artigo *O Cruzeiro e as Garotas*,¹⁶ observam que as garotas não se enquadravam nos padrões propostos pelas demais revistas femininas, ou pelas outras colunas de *O Cruzeiro*. Semanalmente, nas páginas coloridas do impresso, as *Garotas* saíam para jantar, iam às compras, à costureira, estudavam, liam romances, passeavam no Jockey Club, dançavam em bailes, tomavam sol, enfim, levavam uma vida de meninas/mulheres solteiras de classe média alta no Rio de Janeiro. E, apesar de serem mais ousadas, preservavam o mesmo imaginário acerca do casamento. O casamento com um “bom partido” era um dos principais objetivos da vida daquelas mulheres.

As personagens da coluna eram mulheres da década de 1950. Dessa maneira, suas ações eram consideradas bastante ousadas para a época.

Por um lado, as garotas, por vezes, ignoravam ou escapavam de certo padrões de recato e pudor e brincavam com as expectativas sociais com relação às “moças de família”. Podiam tomar a iniciativa da conquista ou do beijo na boca, cometer pequenas infidelidades, optar por roupas mais indecentes, despertar ciúmes em esposas, desprezar homens maduros (considerados bons partidos pelo mundo adulto, mas velho pelas moças) preferindo jovens animados. Eram capazes de ir a bailes desacompanhadas, de ser vulneráveis a paquera (capazes de “aderir”, de “dar pelota” às cantadas dos rapazes), de sair com vários rapazes ou manter compromissos com dois ou três ao mesmo tempo, de acompanhar os desfiles militares apenas para paquerar os cadetes, de assumir que preferiam os rapazes que têm carro, de desprezar as prendas domésticas em favor das diversões, de esquecer os estudos pensando nos namoros.¹⁷

¹⁵ NETO, Alccioly. Op cit. p. 126.

¹⁶ BASSANEZI, Carla. e URSINI, Lesley Bombonato. Op.cit.

¹⁷ BASSANEZI, Carla. e URSINI, Lesley Bombonato. Op. cit. p.249

Enfim, novos valores foram aos poucos propagados, começando a surgir um imaginário acerca de uma mulher moderna, principalmente durante o período recortado pela pesquisa efetuada, a saber: de 1950 a 1964, os chamados *anos dourados*.¹⁸

Um das mais marcantes características da coluna estudada são esses novos hábitos ditos “modernos”, que, no mínimo, eram muito mais permissíveis do que nas demais colunas e revistas que circulavam no cenário de então. Questões referentes às normas difundidas pela coluna e ao padrão social feminino imposto na época serão mais bem-elaboradas no capítulo seguinte, bem como no subsequente. Outra importante característica da coluna é a titularidade por seu ilustrador Alceu Penna.

A coluna e seus textos

Ao todo foram cinco jornalistas que assinaram os textos que narraram as historietas vividas por aquelas bonecas. De início, o texto era assinado pelo próprio Alceu Penna. Alccioly Neto, então secretário de *O Cruzeiro*, também assinou muitas quadrilhas iniciais da coluna sob o pseudônimo de Lyto. Num segundo momento, de 1942 a 1946, as assinaturas foram divididas entre Millôr Fernandes e Alceu, Millôr assinou primeiramente como apenas Millôr, e em seguida como Vão Gôgo. Edgar Alencar é quem assume a coluna por um maior número de anos, a assinatura de A. Ladino vai de 1946 a 1957. A partir de 1957 os textos passam para mão de uma mulher, Lia Castelo Branco, sob o pseudônimo de Maria Luiza.

Ao longo do período aqui estudado, de 1950 a 1964, a coluna teve textos de A. Ladino e Maria Luiza. A forma como o texto era escrito e seu conteúdo se alteram substancialmente com a troca de assinaturas, apesar de as imagens não sofrerem alteração alguma. Enquanto a participação de A. Ladino era marcada por um texto leve em forma de versos rimados, Maria Luiza escrevia em prosa, de forma um pouco mais

¹⁸ A expressão “anos dourados” é utilizada aqui para se falar dos anos entre 1950 e 1964. É empregada também por um sem-número de autores e autoras para fazer referência ao segundo pós-guerra mundial; entretanto, não consegui localizar “mentor” da nomenclatura. Segundo Luciana Fornazari, a expressão refere-se a um período de grande prosperidade econômica vivida no Brasil após a Segunda Grande Guerra: eram anos de ouro. Cf. FORNAZARI, Luciana. *Gênero em Revista – Imagens modernas de homens e mulheres na revista O Cruzeiro do segundo pós-guerra*. Florianópolis, UFSC, 2001 (dissertação de mestrado). A terminologia está ligada ao nacional desenvolvimentismo, o desenvolvimento econômico e a estabilidade política, somados a aspectos sociais e culturais igualmente relevantes no dado período, considerados anos de utopia e progresso. Cf. KORNIS, Mônica Almeida. *A era da Bossa Nova: Anos Dourados?* Revista Nossa História. São Paulo, nº23, ano II, p.26-29, set. 2005. No entanto, podemos sinalizar que essa nomenclatura é romântica, uma vez que traz uma ideia de desenvolvimentismo e de utopia.

seca. A primeira e única mulher a assumir a coluna é também responsável pelo tom mais conservador que lhe é dado no mesmo ano de 1957.

A mudança nos textos das *Garotas*, segundo Alccioly Neto, se deu em virtude da interferência de Amélia Whitaker nas páginas. Amélia Whitaker era filha do banqueiro paulista José Maria Whitaker e mulher de Leão Gondim, primo de Chatô: “casamento que fora alcovitado pelo dono dos Associados. Este oferecendo à noiva um singular presente de casamento: a presidência de *O Cruzeiro*”.¹⁹ Lili Whitaker era considerada extremamente conservadora, o que gerou muitas mudanças nas páginas da revista ilustrada. Para Alccioly, as *Garotas* “passaram a só falar coisas chatas, sempre em tom de conselho, até que, por sugestão do próprio desenhista, as páginas foram substituídas por outras dedicadas exclusivamente a moda, onde as figuras, felizmente, não abriam a boca...”.²⁰ A partir do livro do jornalista Alccioly Neto, é notório que este não simpatizava com a figura de Amélia Whitaker, nem com suas medidas em *O Cruzeiro*. Ele atribui à sua figura e às suas medidas o desaparecimento da coluna. Todavia, inúmeros são os fatores que ocasionaram o fim da coluna assinada por Alceu. Talvez a mudança nos textos possa ser considerada uma das razões.

A coluna cessa suas publicações no periódico no ano de 1964. São muitas as versões acerca de seu fim. Acima, a de Alccioly Neto, em virtude da mudança nos textos:

Pouco antes de falecer, Alceu se contradiz. As garotas pararam de sair porque estavam fora de moda e haviam sido substituídas por outras de carne e osso, dançarinas, calistênicas de discotecas, com tendências nudistas, dos programas de televisão. “Além do mais usavam um linguajar incompatível com as minhas garotas, bem mais cultas e inteligentes.” Não é verdade. Ele omite que fora forçado a sair de *O Cruzeiro* porque a revista estava num processo de quase falência. Por outro lado ele sempre desafiou o moralismo para dar liberdade às formas de seus desenhos e das próprias mulheres, e só não foi mais ousado porque a censura não permitiu.²¹

Segundo Gonçalo Junior, as *Garotas* desaparecem das páginas de *O Cruzeiro* devido ao processo de falência sofrido pelo periódico, já em 1964. E de fato esse processo existia: na década de 1960, a revista ilustrada já não era mais “a maior e melhor revista da

¹⁹ MORAIS, Fernando. Op.cit. p.460.

²⁰ NETO, Alccioly. Op.cit. 82.

²¹ JUNIOR, Gonçalo. Op.cit. p.138.

América Latina”. Entretanto, as *Garotas* param de circular nas páginas do periódico antes de Alceu encerrar sua colaboração no impresso. Mesmo após o ano de 1964 ele continuou a assinar as colunas de moda de *O Cruzeiro*. Na citação acima descrita, Gonçalo Júnior escreve um relato de Alceu pouco antes de seu falecimento. Devemos problematizar que o relato o ilustrador afirma não pode ser considerado de um todo. Mesmo porque, ao contrário do que o mesmo afirma, suas bonecas jamais foram consideradas conservadoras ou moralistas, mas foram, sim, substituídas pelas mulheres de carne e osso.

A antiga imagem ilustrada

A substituição da ilustração pela fotografia é fato na imprensa periódica na segunda metade do século XX. Tal substituição é marcante principalmente no que tange à moda. A imagem fotográfica é considerada mais real, mais possível. Tanto que em 1963 as colunas de moda de Alceu Penna não são mais ilustradas, elas vinculam fotografias a textos seus. Não devemos atrelar o fim da circulação de uma coluna tão renomada no cenário da imprensa do Brasil da época a um único e simples motivo. Vários foram os fatores que favoreceram o desaparecimento da publicação, alguns deles já apresentados aqui.

Muitas são as referências hoje feitas à coluna mencionada: exposições, desfiles, textos como o de Ziraldo e o de Alberto Villas:

“No dia dos namorados, Silvino dá a Cláudia a primeira prestação de uma máquina de costura. Todo mundo estranha o presente, mas Cláudia acha a ideia genial.” Era assim que começava um dos textos que ilustravam “As garotas do Alceu”. Nunca soube quem era Alceu Penna, mas era apaixonado por aquelas garotas que apareciam nas páginas de *O Cruzeiro* toda semana. Sonhava com elas, viajava com elas em piqueniques nas montanhas de Minas Gerais. As garotas do Alceu eram tudo. Tinham a cintura de pilão e usavam vestidos de alpaca rodados e coloridos. As garotas do Alceu andavam com óculos de gatinho e rabo de cavalo. Eram loiras e morenas, todas elas muito alegres. Viviam rindo da vida boa que levavam aquelas Polianas. Um dia sonhei que estava me casando com uma garota do Alceu. Ela vestia um vestido branco com uma calda

enorme e segurava um buquê de flores cor-de-rosa e verde. De repente acordei.²²

As bonecas de Alceu são lembradas por sua fisionomia magra, olhos expressivos e roupas que sempre seguiam as tendências de moda da época, e também pelo bom humor e a “vida mansa” que levavam, além de sua doçura sempre ressaltada. Este trabalho não pretende abranger a recepção que obteve a coluna; entretanto, é de grande relevância pincelar as memórias que elas produziram. Inúmeras vezes, em conversas informais, homens e mulheres com hoje 70, 80 anos me relataram que liam as páginas assinadas pelo ilustrador e que eram apaixonados por aquelas figuras. Uma dessas pessoas com quem conversei me chamou bastante atenção, uma mineira de Belo Horizonte de 77 anos que viveu parte de sua juventude na cidade do Rio de Janeiro. Com cabelos curtos e oxigenados, e vestindo uma roupa um tanto colorida e “moderna” para uma mulher de sua idade, aquela jovem senhora me olhou e falou: “Eu era uma *Garota* do Alceu” .

Não é por acaso que suas garotas são comparadas com a geração de meninas/mulheres das décadas de 50 e 60 do século XX. Alice Alccioly, esposa de Alccioly Neto, fala que as *Garotas* tornaram-se uma atração à parte na revista e que suas atitudes e figurinos eram copiados pelas jovens contemporâneas. Os desenhos saíram das páginas da revista e passaram a representar toda uma imagem de jovem moderna; não são só os vestidos, shorts, calças, cabelos, comportamentos que passeiam nas ruas, mas os próprios desenhos vão aos poucos sendo recortados e colados em outros materiais, como diários, cadernos de costuras e outros. E as *Garotas* do Alceu, as garotas de papel, iam sendo apropriadas e se transformando em *Garotas* de carne e osso.

Colunas e revistas; arquivos e acervos

Nesta pesquisa, meu contato com essas *Garotas* de papel ocorreu nos arquivos. Durante a pesquisa, foram lidas as colunas em seu suporte material, a revista *O Cruzeiro*, e, em seguida, as colunas foram digitalizadas. A partir dos dados recolhidos na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, na cidade de Florianópolis; no Museu de Comunicação Social Hipólito da Costa, na cidade de Porto Alegre; e no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, na cidade de São Paulo, elaborou-se um catálogo constando as datas, as páginas e os nomes das referidas colunas.²³

²² VILLAS, Alberto. *O mundo acabou!* São Paulo: Editora Globo, 2006. p.260 e 261.

²³ Ver anexo 1

Nos acervos pesquisados, Seção de Obras Raras da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa e acervo do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, foram catalogadas 710 colunas do período de 1950 a 1964, ou seja, conseguiu-se localizar, ler, digitalizar e catalogar todas as colunas que circularam no período estudado. O montante possibilita perceber a existência de certa permanência temática nas colunas. Por exemplo, todos os anos foram publicadas colunas referentes a datas comemorativas como Natal, Ano-Novo, festa junina, Carnaval. A temática da coluna é cíclica e não linear. Em todos os meses de fevereiro era editada pelo menos uma coluna sobre o Carnaval, constando historietas sobre bailes, fantasias, bebidas, namoros. A Páscoa ilustrava colunas do mês de abril, quando as *Garotas* recebiam, presenteavam e comiam ovos de chocolate, sempre com o cuidado de não comer demais a fim de manter o peso. No mês de junho, as páginas eram estampadas por bandeirinhas, balões, quadrinhas e fogueiras das tradicionais festas juninas. As festas de final de ano, o Natal e o Ano-Novo, fecham o ano com regras de presentear, desenhos de fogos de artifícios, árvores de Natal e Papais Noel. Durante os 15 anos de colunas pesquisadas, 45 abordaram essas festas cristãs, mostrando que, apesar de a coluna ser bastante inovadora em muitos aspectos, era muito ligada às festas tradicionais cristãs, mantendo antigos costumes tradicionais.

Nos meses de verão, saíam muitas colunas sobre praia, banho de sol e mar. A praia e o banho de sol e mar passam a ter novos significados e se transformam em práticas sociais, tornando-se um símbolo do homem civilizado já na primeira década do século XX.²⁴ As colunas referentes ao casamento eram principalmente editadas no mês de maio; já em junho o namoro era mais explorado pelos autores e pelo desenhista das *Garotas*. Nas colunas sobre namoros e casamento pode-se perceber que, se solteira, a mulher poderia se comportar como moderna, inovadora e ousada; casando-se, essa realidade mudaria. A etapa máxima da vida de uma *Garota* do Alceu era o casamento, pois, a partir do momento em que uma *Garota* se casava, ela não mais ilustraria a coluna de Alceu Penna. As mulheres casadas e sua vida de “rainha do lar” estampavam as colunas consideradas mais tradicionais da revista, *Da mulher para a mulher, Lar Doce Lar*. Provavelmente a diferença de padrões e condutas entre as colunas femininas de *O Cruzeiro* se baseava principalmente na faixa etária e no estado civil de suas leitoras e de suas personagens.

²⁴ Ver mais em: FORNAZARI, Luciana. Op.cit. p. 44.

As famosas folhinhas, calendários, presentes nos meses de dezembro e janeiro, apresentam um número inexpressivo. Por esse motivo, não se encontram discriminadas na tabela citada. Durante os 15 anos pesquisados (1950-1964) foram apenas localizadas seis folhinhas. Acredito que, por serem uma parte destacável da revista, essas não se conservaram com seu suporte material. Os demais subitens eram publicados alternadamente entre essas edições mais datadas. As colunas que abordavam como tema central o comportamento são as mais numerosas no intervalo temporal estudado. Logo situo as *Garotas* como uma coluna de humor. Dentro desses subitens encontramos *Garotas* falando de *Garotas*, de garotos, fazendo compras, arrumando a bolsa, enfim, vivendo o dia a dia de uma jovem de classe média e alta, urbana e alfabetizada. No mais, as colunas apresentam os subitens de festas, que eram geralmente bailes, aos quais elas muitas vezes iam desacompanhadas de adultos, o que era condenado por muitas revistas femininas. Temas políticos foram discutidos, como a mudança da capital federal para Brasília, eleições, entre outros. Um dos subitens mais interessantes e divertidos abordava os conflitos geracionais; nesses casos, as *Garotas* das décadas de 1950 e 1960 comparavam seu comportamento e sua conduta com a geração de suas avós, de suas mães e até com a geração de “*Garotas* de 2 mil anos atrás”.

As *Garotas* também viajavam, e muito. Foram para a fazenda, para Petrópolis, à Europa, aos Estados Unidos, compraram suvenires, sempre deixando uma legião de homens apaixonados por onde passavam, vestindo roupas de acordo com as últimas tendências da moda. Sapatos, calças compridas, vestidos de baile, rabos de cavalo, maquiagens, unhas e bolsas coloriram todas as colunas, mas de forma específica as *Garotas* comentaram sobre moda.

Enfim, entre Natais e Páscoas as *Garotas* do Alceu viajaram, fizeram compras, foram ao cinema. Aquelas personagens criadas por Alceu Penna entreteram e fizeram rir homens e mulheres daquele Brasil de meados do século XX. Mais do que isso, elas talvez construíram um imaginário do ser mulher urbana e jovem daquele país de então. Circularam por 28 anos numa das grandes revistas brasileiras. Foram vistas e lidas, criaram imaginários, tornaram-se personagens. Hoje não habitam mais aquele Rio de Janeiro dos anos dourados. Outrora aquelas bonecas, quase reais, passeavam nas praias, nos teatros, nas confeitarias do velho Rio. No agora, as bonecas cuidadosamente traçadas por Alceu Penna fazem parte de um mundo cheio de páginas amareladas e empoeiradas. Pertencem, hoje, ao mundo do acervo, ao mundo do arquivo. Ao mundo do que já não é mais. Ao mundo que já foi. Entretanto, ao serem lembradas por aqueles

homens e por aquelas mulheres que tanto se divertiram com elas, ganham cor e forma novamente. Ao terem as páginas de sua antiga revista folheadas, ao serem vistas e lidas por pesquisadores, recebem quase um sopro de vida, um sopro de lembrança, um sopro de memória, um sopro de história.